

WAS IST ÜBERSETZEN?¹

ULRICH VON WILAMOWITZ-
MOELLENDORFF

Die Übersetzung eines griechischen Gedichtes ist etwas, was nur ein Philologe machen kann, ist aber doch nichts philologisches. Sie ist zuerst ein Ergebnis philologischer Arbeit, aber ein weder beabsichtigtes noch vorhergesehenes. Der Philologe, der sich pflichtmäßig mit aller Kraft daranmacht, das vollkommene Verständnis eines Gedichtes zu erreichen, wird unwillkürlich dazu getrieben, sein Verständnis auszusprechen, und wenn er zu sagen versucht, was der alte Dichter gesagt hat, so versucht er das in seiner eigenen Sprache, er übersetzt. So habe ich es erfahren. Dieselbe Erfahrung machen viele meiner Fachgenossen, und das geschieht nicht bloß an Dichtern von originaler Größe, sondern an vielen Schriftwerken, die wir erklären, vorausgesetzt, daß diese Werke einen festen Stil haben. Wir Philologen, die trocknen Schleicher, die am Buchstaben haften und grammatischen Haarspaltereien nachhängen, haben nun einmal auch die Verkehrtheit, daß wir mit ganzem Herzen die Ideale lieben, denen wir dienen. Diener sind wir freilich, aber Diener unsterblicher Geister, denen wir den sterblichen Mund leihen : was Wunder, daß unsere Herren stärker sind als wir? Von solchen Versuchen bis zur Vollendung einer Übersetzung, die sich sehen lassen darf, ist freilich noch ein weiter Weg. Denn mit den Inspirationen des Moments ist es nicht abgethan; lange besonnene Verstandesarbeit muß dazu treten, damit etwas brauchbares herauskommt. Das ist dann nicht mehr Philologie, nicht mehr unser Handwerk. Wir können unsere Philologie dabei nicht

O QUE É TRADUZIR?²

ULRICH VON WILAMOWITZ-
MOELLENDORFF

A tradução de um poema grego é algo que pode ser feito apenas por um filólogo, não sendo, contudo, filológica. É, antes, um resultado do trabalho filológico, mas não é nem intencional nem previsto. O filólogo, que obrigatoriamente procura com todas as forças alcançar a compreensão total de um poema, é impelido involuntariamente a expressar sua compreensão e, quando tenta dizer aquilo que o poeta da antiguidade disse, tenta em sua própria língua, traduzindo. Esta é minha experiência. Muitos de meus colegas possuem esta mesma experiência, e isso não ocorre somente em relação aos poetas de magnitude original, mas também em muitos textos que interpretamos, contanto que possuam um estilo próprio. Nós, filólogos, os diligentes sedentos, apegados às letras e às sutilezas da gramática, também cometemos a contradição de amar de todo o coração os ideais aos quais servimos. Somos servos, sem dúvida, mas servos dos espíritos imortais, a quem emprestamos a boca mortal: Não é maravilhoso que nossos senhores sejam mais poderosos do que nós? De tais experiências até à conclusão de uma tradução de qualidade, há, sem dúvida, um longo caminho. Afinal, esta não é realizada com as inspirações do momento; um longo trabalho de reflexão intelectual deve ocorrer, para que resulte em algo útil. E isto já não é mais filologia, não é mais nosso ofício. Não podemos prescindir de nossa filologia, mas ela não é suficiente.

entbehren, aber sie reicht nicht allein hin.

Aber ich meine, das darf uns nicht abhalten. Nur wenn wir Philologen sie machen, können Übersetzungen der hellenischen Poesie, die existenzberechtigt sind, entstehen. Und daß den Deutschen die hellenische Poesie in solchen Übersetzungen dargeboten wird, ist nur eines der Mittel, die not thun, um dem sittlichen und geistigen Verfall zu steuern, dem unser Volk immer rascher entgegen geht; es ist vielleicht nur ein schwaches Mittel, aber wir Philologen verfügen allein darüber: wir müssen das unsere thun als Deutsche. Die Leute wollen von uns ja wenig wissen; das ist ihre Sache und beruht für viele auf Gegenseitigkeit. Aber sie wollen auch von den Idealen nichts wissen, denen wir doch deshalb unser Leben gewidmet haben, weil wir an sie glauben. Das kann uns nicht gleichgiltig sein. Keineswegs wegen unserer Ideale; die sind ja göttlich und haben bewiesen, daß irdische Macht ihnen nichts anhaben kann, geschweige das wüste Geschrei des modernen Bildungspöbels. Aber wohl ist es traurig, wenn man sieht, daß das eigene Vaterland sich von dem Ideal abwendet, nicht bloß dem hellenischen, sondern überhaupt dem Ideal. Gold, Sinnengenuß, Ehren, das sind die Götter, an die sie glauben; der Rest ist Phrase. Davon abzukehren, keinesweges bloß ästhetisch und intellectuell, sondern sittlich, ist das Hellenentum, oder vielmehr seine Seele, die nicht mit dem Leibe des Volkes gestorben ist, noch sterben wird, sehr wohl im stände. Dazu bedürfen wir seiner: ich weiß nicht vieles, was das eben so gut könnte. Der echte Goethe, und alles was mit diesem Worte gesagt ist, kann es gewiß, und für viele besser; aber um den zu verstehen, ich meine nicht im Sinne der Goethephilologen, sondern so, daß wir seine Weisheit als eine Leuchte

Mas acredito que isto não deve nos impedir. Somente quando nós, filólogos, as fizemos, poderão surgir traduções da poesia helenística que sejam dignas de existência. E que a poesia helenística seja oferecida aos alemães em tais traduções é apenas um dos meios que se fazem necessários para controlar a decadência moral e espiritual, que vai, cada vez mais rápido, ao encontro de nosso povo. Esse talvez seja um meio frágil, mas nós, filólogos, dispomos apenas dele: devemos fazê-lo como alemães. As pessoas pouco querem saber de nós; isso é problema delas e, para muitas, se baseia no princípio da reciprocidade. Mas elas também não se interessam pelos ideais a que dedicamos nossas vidas por acreditarmos neles. Isto não nos pode ser indiferente. Não por conta de nossos ideais; estes são divinos e provaram que as forças terrenas não lhes podem fazer mal algum, muito menos as vozes incultas da cultura popular moderna. Mas é muito triste quando se vê que a própria terra natal afasta-se do ideal, não somente helenístico, mas principalmente do ideal. Ouro, prazer dos sentidos, honrarias, estes são os deuses em que acreditam; o resto é retórica. O Helenismo, ou ainda, seu espírito, que não morreu com o corpo de seu povo, é capaz de fazê-los renunciar a isso – e não apenas estética e intelectualmente, mas também, moralmente. Por isto precisamos dele: não conheço muita coisa que pudesse ser tão boa. O Goethe autêntico, e tudo o que esta expressão pode significar, consegue compreendê-lo, e, para muitos, da melhor forma; mas para entendê-lo, não pensando na acepção do Goethe filólogo, mas sim, de modo que possamos adotar sua sabedoria como luz para nossos pensamentos e ações, precisamos do helenismo mais do que

für unser Denken und Handeln annehmen können, brauchen wir das Hellenentum erst recht, weil es eine Voraussetzung für diese Weisheit ist. Das was die Seele des Christentums ist, ist gewiß auch dazu im stände, und für viele besser. Aber auch das verträgt sich mit dem Hellenentume, sintemal dieses eine der Wurzeln des Christentums ist. Aber so lange die Kirchen statt des Brotes der Lehre Jesu die Steine des Katechismus und das Holz der Kemplieder schon den Kindern reichen, ist der Erfolg nur zu oft die Ertötung des dem Menschen eingeborenen Strebens nach dem Ideale, das jedes Symbol, aber keinerlei Unwahrheit erträgt. Vielleicht wird das besser werden, wenn die Wissenschaften, die welche dem Hellenentume dient und die welche dem Christentume dient, erst begriffen haben, daß sie zu einander gehören, weil die Objekte ihrer Forschungen und die Methode ihrer Forschung dieselben sind, wahrer gesprochen, weil sie demselben Herrn in derselben Weise dienen sollen. Einigermaßen wenigstens wird es klar sein, wie ich es meine, daß das Hellenentum uns unentbehrlich ist und bleiben wird. Wenn ich das glaube, wie sollte ich nicht die Pflicht anerkennen, das Meine zu thun, um den Weg zu diesem Ideale zu öffnen? Aber wie das anfangen? Soll ich es anpreisen, damit hausieren gehn, soll ich "die Wissenschaft popularisieren", wie die Naturwissenschaftler gemeinen Schlages? Dem sei ferne. Die ernsten Männer dieser gleichberechtigten Forschungen denken und handeln natürlich so, wie es jeder thun muß der weiß was Wissenschaft ist: Sache der Arbeit, Sache der Männer, an der Anteil nur nehmen kann, wer selbst an der Arbeit Teil hat. Das Ideal sollen die Menschen mit dem eigenen Herzen aufnehmen, sie sollen daran glauben und danach leben: dazu müssen sie es selbst

nunca, pois é uma condição para tal sabedoria. Para muitos, isto é o que a essência do cristianismo é capaz de fazer de uma forma melhor. Sendo, contudo, também compatível com o mundo helênico, porquanto este é uma das raízes do cristianismo. Mas enquanto a Igreja, ao invés do pão do ensinamento de Jesus, continuar levando às crianças a pedra do catecismo e a tábua dos hinos, provocará cada vez mais a extinção da aspiração dos povos ao ideal, que suporta todo símbolo, mas nenhuma falsidade. Talvez fosse melhor se as ciências, aquela que serve ao helenismo e aquela que serve ao cristianismo, compreendessem que pertencem uma a outra, pois os objetos de suas investigações e os métodos de investigação são os mesmos, a bem da verdade, porque elas devem servir ao mesmo senhor da mesma maneira. De certo modo, se tornará claro no modo como penso que o helenismo nos é indispensável e continuará sendo. Se creio nisso, como não deveria reconhecer a obrigação de manter esta posição para abrir caminho a este ideal? Mas como começar? Devo fazer propaganda, indo de casa em casa, devo 'popularizar a ciência', como os tipos comuns de cientistas naturais? Não penso assim. Os homens de verdade entenderam estas investigações de forma igualitária e naturalmente trataram como se todos devessem ter o conhecimento do que é ciência: objeto de trabalho, objeto dos homens, do qual somente quem toma parte no trabalho pode participar. As pessoas devem acolher o ideal com os próprios corações, devem acreditar nele e viver de acordo: precisam ver-se a si mesmas, apropriar-se de si. Ouvir falar de alguma coisa, satisfazer-se com uma novidade fugaz, guardar na memória algumas notícias passadas, isto não tem utilidade alguma. A filologia para os filólogos: o helenismo, que é imortal para

sehn, selbst sich zu eigen machen. Etwas darüber zu hören, eine flüchtige Neugier damit befriedigen, ein paar tote Notizen im Gedächtnis behalten, das nützt zu gar nichts. Die Philologie für die Philologen: das Hellenentum, das was darin unsterblich ist, für jedermann, der kommen, sehen, erfassen will. Nicht mit einem zweiten Aufguß unserer wissenschaftlichen Arbeit das Publikum tränken, nicht das saure Heu der allgemeinen Bildung in den Raufen seiner geliebten Monatsschriften vermehren, nicht bei den Journalisten unter den Strich kriechen, um wie sie durch fertige Urteile und bequeme Schlagworte das eigene Denken der Menschen in Fesseln zu schlagen: aber wohl das Ideal selbst denen die es suchen zugänglich machen, es vor sie hinstellen und allenfalls ihnen zeigen, wie man es ansehen, worauf man achten soll: das isß, was wir Philologen, wie ich meine, thun sollen. Damit geben wir unserm Volke das Beste was wir haben : das ist gerade gut genug ; und wir geben, was nur der hat, der das hellenische Volk, seine Sprache und seine Art wirklich verstanden hat. Daran haben wir unser Leben dahin gegeben, und um geringeres ist es auch nicht feil. Wer aber einen solchen Besitz erworben hat, der soll davon mittheilen an jeden, der danach begehrt *Noblesse oblige*. In dem Sinne bringe ich meine Übersetzungen vor das Publikum.

Die griechische Poesie ist zu ihrer Zeit volkstümlich gewesen, sie ist also eigentlich nicht schwer. Aber der moderne Mensch bedarf doch umfassender und tiefgehender Studien, um ein selbständiges Verständnis von ihr zu gewinnen. Denn er muß durch Arbeit die Voraussetzungen zurückgewinnen, welche durch Raum und Zeit dem Dichter gegeben waren. Außerdem ist sowohl die Sprache wie die Verskunst der

todo aquele que quiser descobrir, ver, compreender. Não para o público beber com uma segunda infusão do nosso trabalho científico, não para multiplicar a palha seca da cultura geral na manjedoura de suas adoradas revistas mensais, não para rastejar junto a jornalistas além dos limites, com a intenção de aprisionar os pensamentos individuais das pessoas através de juízos prontos e bordões facilitados: mas o ideal em si, o qual eles procuram tornar acessível, apresenta-se diante deles e, se preciso for, mostra-lhes como observar, no que devem reparar: isto é o que nós, filólogos, penso, devemos fazer. Damos, assim, ao nosso povo o melhor que possuímos: isto é bom o suficiente; damos o que somente aquele que realmente entendia o povo helênico, sua língua e sua natureza, possuía. A isso dedicamos nossas vidas, e não a negociamos por pouco. Mas quem adquiriu tais bens, deve dividí-los com todos que o desejarem. *Noblesse oblige*. Neste sentido trago minhas traduções ao público.

A poesia grega foi popular em sua época, não sendo, portanto, realmente difícil. Mas o homem moderno necessita, entretanto, de estudos extensos e profundos, a fim de obter uma compreensão autônoma dela. Pois precisa readquirir através do trabalho as condições dadas ao poeta pelo tempo e espaço. Além disso, nem a língua nem a arte poética são de seu povo, mas sim o produto de um desenvolvimento

Dichter nicht ohne weiteres die ihres Volkes, sondern das Erzeugnis einer sehr langen Stilentwicklung, die also nur durch geschichtliche Arbeit recht verstanden wird. Aber von all dem abgesehen, was immer bleiben wird, ist die Philologie noch längst nicht zu reinlichen und allseits gesicherten Ergebnissen über die Sprache, die Verskunst, den Text fast aller griechischer Dichter gelangt. Ist doch das intensive Studium des Hellenentums wenig mehr als hundert Jahre alt, und sind der wirklich berufenen Bearbeiter aller Zeit sehr wenige gewesen, auch durch die Vordringlichkeit der unberufenen Masse, die sich in guter und schlechter Absicht an die Dichtungen heranmacht, vielfach gehindert worden. Wenn man sich also auch einen Zustand denken kann, in welchem die Philologie ihr Vermittlergeschäft so weit gefördert hätte, daß an ihrer Hand jeder zu selbständigem und lebendigem Verständnis der Gedichte durchdringen könnte, so ist dieser Zustand doch gegenwärtig noch fern, und es kann für einen Urteilsfähigen keinem Zweifel unterliegen, daß nur der Philologe übersetzen kann; wobei man nicht vergesse, daß der Besitz einer Lehrbefähigung für die obere Klassen oder eine Professur der Philologie nicht zum Philologen macht. Der Professor sollte allerdings einer sein, der Lehrer braucht es nicht mehr zu sein, als nötig ist, um das Ideal des Hellenentums zu predigen. Der Beruf in seiner Seele, den er aus freier Liebe durch wissenschaftliche Arbeit erfüllt, nicht die Berufung zu einem Lehramt macht den Philologen.

Ein grosser Gelehrter, ein Mann, der mit intuitiver Kraft den hellenischen Geist so richtig verstand wie wenige und zugleich ein großes Formtalent besaß, Johann Gustav Droysen hat den

estilístico muito antigo, sendo, portanto, entendido corretamente somente através de um trabalho histórico. Mas além de tudo que sempre existirá, a filologia ainda não chegou nem perto de resultados legítimos e, sobretudo, seguros a respeito da língua, da arte poética, do texto da maioria dos poetas gregos. Além de o estudo intensivo do helenismo ter pouco mais de cem anos, e possuindo poucos organizadores competentes durante todo o tempo, estes também se atrapalharam diversas vezes pela urgência da massa inábil que, com boas ou más intenções, se aproximou das poesias. Assim, poder-se-ia pensar em uma situação na qual a filologia protegesse sua condição mediadora de tal forma que tomasse em suas mãos toda a compreensão independente e vital da poesia, contudo, esta situação ainda está longe da presente, e, para alguém sensato, não se pode admitir a dúvida de que somente o filólogo pode traduzir; não esquecendo de que possuir habilitação de ensino para as classes mais altas ou de professor de filologia não faz um filólogo. O professor universitário deveria sê-lo necessariamente, o professor escolar, no entanto, não precisa ser mais do que o necessário para pregar o ideal do helenismo. O ofício em sua alma, o qual cumpre de todo o coração com o trabalho científico, não dá ao filólogo a vocação ao magistério.

Johann Gustav Droysen, um grande erudito, um homem, que, com poder intuitivo, compreendia o espírito helenístico como poucos e, ao mesmo tempo, possuía um grande talento para a

Aristophanes so übersetzt, daß man ihm meist mit wahrer Wonne folgt. Und doch fallen die meisten Lieder ganz ab, weil Droysen sich mit der Metrik nicht zu helfen wußte, und die Misverständnisse des Textes sind weder wenig noch klein. Auch für Aischylos besaß Droysen, wenn einer, das poetische und geschichtliche Verständnis; aber hier ist der Text so schwer und so verdorben, daß die Übersetzung mislingen ist, weil Droysen nicht die philologische Arbeit daran gewandt hat, sich den Text selbst zu machen. Auch bemerkt man leicht, daß er sich vom Schlendrian, das heißt hier, von der wörtlichen Treue und von den Versmaßen der Urschrift um so weiter entfernt, je sicherer er des Verständnisses ist, je mehr er wagen kann, des Dichters Gedanken, Empfindungen, Stimmungen frei aus sich zu geben, weil er sie ganz in sich aufgenommen hat³.

Das ist übersetzen; nicht mehr, aber auch nicht weniger. Es ist kein freies Dichten (poiein); das dürften wir nicht, gesetzt wir könnten es. Aber der Geist des Dichters muß über uns kommen und mit unsem Worten reden. Die neuen Verse sollen auf ihre Leser dieselbe Wirkung thun, wie die alten zu ihrer Zeit auf ihr Volk und heute noch auf die, welche sich die nötige Mühe philologischer Arbeit gegeben haben. So hoch geht die Forderung. Wir wissen wohl, wie wenig wir sie erfüllen; aber auf Erden wird überhaupt das Mögliche nur geleistet, wenn das Unmögliche gefordert wird, und man muß das Ziel kennen, damit man den Weg findet.

Das Publikum denkt freilich anders. Übersetzen muß Kinderspiel sein, die Kinder thun es ja. Um die Leistungen der Schule tiefer zu drücken, ist die Übersetzung aus dem Griechischen an die

forma, traduzira Aristófanes, de tal modo que o acompanhamos, em geral, com verdadeiro deleite. Mesmo que a maioria dos cantos tenha desaparecido, pois Droysen não se interessava pela métrica, e os equívocos do texto não sejam nem poucos nem pequenos. Droysen também possuía interpretação poética e histórica de Ésquilo; mas aqui o texto é tão difícil e adulterado que a tradução fracassou, porque Droysen não recorreu ao trabalho filológico para produzir o texto. Também percebemos que ele se afasta mais da praxe, isto quer dizer aqui, da fidelidade literal e do metro do original; quanto mais seguro está da compreensão, mais pode se arriscar, apresentar livremente os pensamentos, as sensações e disposições do poeta, porque as compreendeu completamente.¹⁴

Traduzir é isto; não mais, mas também não menos. Não é poesia livre (poiein); nós não temos permissão para isso, apesar de podermos fazê-lo. Mas o espírito do poeta deve vir a nós e falar com nossas palavras. Os novos versos devem exercer o mesmo efeito em seus leitores que os antigos em sua época em seu povo, e hoje ainda é preciso ter o cuidado necessário com o trabalho filológico. A exigência é muito alta. E bem sabemos que raramente correspondemos a ela; mas em nosso mundo geralmente se chega ao possível, quando se exige o impossível, e deve-se conhecer o objetivo para que se encontre o caminho.

Certamente o público pensa de modo diferente. Traduzir seria uma brincadeira que qualquer criança faz. Para aprofundar mais o aproveitamento escolar, introduziu-se a tradução do grego

Stelle der Übersetzung ins Griechische im Abiturientenexamen getreten. Wer Proben dieser Leistungen gesehen hat und die Erfolge der Maßregel beurteilen kann, weiß, daß von den Schülern auf dem Papier

zu viel verlangt ist, damit sie ungestraft zu wenig leisten könnten. Manche geprüfte Lehrerin und manch ungeprüftes eben so viel oder wenig sprachkundiges Mädchen, die sich in ehrlichem Kampfe um das liebe Brot abmüht, daß es einen Stein erbarmen könnte, erhält vom Verleger ein Spottgeld mit der Begründung "das sind Übersetzungen: die kann jeder liefern". Allerdings sind sie oft danach; aber das Publikum ist mit ihnen zufrieden. Mit Grammatik und Lexikon muß es gehn, denken sie, und wer die Vokabeln kann und eine 2 in seinem Abgangszeugnis für die betreffende Sprache hat, kommt auch ohne Grammatik aus.

Moriz Haupt begann mein Doktorexamen damit, daß er mich, den er persönlich gar nicht kannte, eine lange Reihe von Versen des Lucretius lesen ließ. Dann sagte er, als ich anfangen wollte zu übersetzen, "es ist gut. Verstehen thun wir's beide, und übersetzen können wir's beide nicht". Er pflegte auch im CoUeg nicht zu übersetzen, es sei denn ins Lateinische, streute aber Bemerkungen ein, wie zu den Worten des zürnenden Achilleus über Briseis $\rho\iota$, "das übersetze mal einer, das Particip, und das . Keine Sprache kann das". Er hatte recht im einzelnen: aber im ganzen hatte er nicht recht. Es war ein gutes Teil seines Verständnisses, das er zurückbehielt, weil er nicht wie unvollkommen auch immer übersetzte. Und wenn wir den einen Ausdruck nicht wiedergeben können (in Wahrheit können wir ein einzelnes Wort fast nie übersetzen, weil abgesehen von technischen Wörtern niemals zwei Wörter

ao invés da tradução para o grego. Qualquer um que tenha visto amostras destes aproveitamentos, e consiga julgar os resultados médios, sabe que se exigiu demais dos alunos, fazendo com que os resultados fossem muito baixos. Muitas professoras diplomadas e mesmo mulheres sem diploma com maior ou menor conhecimento linguístico, que se esforçam em batalhas honestas pelo pão de cada dia, sendo capazes de arrastar pedras, recebem dos editores uma soma irrisória com a justificativa: "Isto é tradução: qualquer um pode fazer". Sem dúvida, isto ocorre frequentemente; mas o público fica satisfeito. Pensa que só é preciso gramática e léxico, e quem conhece os vocábulos e tem uma nota "B" em seu certificado final no idioma em questão pode até mesmo dispensar a gramática.

Moriz Haupt, que não me conhecia pessoalmente, iniciou meus exames de doutorado lendo-me uma longa sequência de versos de Lucrecio. Então, quando eu quis começar a traduzi-los, disse, "está bem. Nós dois conseguimos entendê-los, mas não conseguimos traduzi-los". Ele também não costumava traduzir na faculdade, a não ser em latim, entremeando passagens em grego, como as palavras do irritado Aquiles sobre Briseis, $\rho\iota$.

"Traduzir o participio e o , nenhuma língua consegue". Ele tinha razão no particular, mas no geral não estava certo. Era uma boa parte de sua interpretação que abandonava, pois não tinha a intenção de traduzir de modo imperfeito. E ao não conseguirmos reproduzir uma expressão (na verdade quase nunca conseguimos traduzir uma palavra isolada, porque abstraindo-se palavras técnicas, nunca duas palavras em duas

zweier Sprachen sich in der Bedeutung decken⁴, so kann man doch auch im Deutschen einen verhaltenen Vorwurf, der darum nur tiefer verwundet, zum Ausdruck bringen, kann also den Gedanken nicht nur, sondern auch das Ethos der Rede wiedergeben. Es gilt auch hier, den Buchstaben verachten und dem Geiste folgen, nicht Wörter noch Sätze übersetzen, sondern Gedanken und Gefühle aufnehmen und wiedergeben. Das Kleid muß neu werden, sein Inhalt bleiben. Jede rechte Übersetzung ist Travestie. Noch schärfer gesprochen, es bleibt die Seele, aber sie wechselt den Leib: die wahre Übersetzung ist Metempsychose.

Es soll im Deutschen vortreffliche Übersetzungen der Griechen geben; so sagt man. Es ist eine gedankenlos oder böswillig nachgesprochene Unwahrheit. Wenn" das die Feinde unserer Kultur sagen und damit begründen, daß man Griechisch nicht zu lernen brauchte, so ist das begreiflich. Sie erreichen so ihr Ziel; nichts ist geeigneter die Originale zu vereiteln als die Übersetzungen. Aber ernsthafte Männer sollten sich schämen, so der Wahrheit ins Gesicht zu schlagen. Schleiermacher verdanken wir es, daß wir den wirklichen Platon wieder verstehen: aber ist etwa seine Übersetzung lesbar? liest sie jemand? was hat den ehrlichen Menschen die attische Tragödie mehr vereitelt als die *Hobelbank* Donners? es sei denn die Art, wie diese Übersetzungen auf der Bühne gespielt werden. Dichter von Beruf dreheln ihre Verse nicht auf der *Hobelbank*, aber Mörike und Geibel taufen den griechischen Wein mit ihrem Zuckerwasser, und Wilbrandt beabsichtigt vielleicht mehr, jedenfalls etwas anders zu liefern, als eine Übersetzung des Oedipus und des Kulkops. Aber wir haben ja

línguas recobrem o mesmo significado¹⁵), podemos, mesmo assim, expressar, também em alemão, uma tímida discordância, que, desta maneira, surpreende ainda mais, ou seja, devemos, não apenas restituir os pensamentos, mas também o Éthos do discurso. Aqui vale desdenhar a letra e seguir o espírito, não traduzir palavras ou frases, mas sim compreender e reproduzir pensamentos e sentimentos. A vestimenta deve ser nova, seu conteúdo permanecer. Toda tradução correta é travestimento. Falando mais claramente, permanece o espírito, mas muda-se o corpo: a verdadeira tradução é metempsicose.

Existem excelentes traduções de grego em alemão; é o que se diz. Isto é uma inverdade irrefletida ou repetida maliciosamente. Quando os inimigos da nossa cultura dizem isso e defendem que não é preciso aprender grego, é compreensível. Eles alcançam, assim, seu objetivo; não há nada mais adequado para arruinar os originais do que traduções. Mas homens sérios deveriam se envergonhar de agredir a verdade desta maneira. Devemos a Schleiermacher o fato de entendermos novamente o verdadeiro Platão. Mas, por acaso, sua tradução é legível? Alguém a lê? O que fez com que homens honrados perdessem o gosto pela tragédia ática mais do que pelo *Hobelbank* de Donner? Seria o modo como estas traduções são interpretadas no palco. Poetas profissionais não torneiam seus versos em um banco de carpinteiro, mas Mörike e Geibel batizam o vinho grego com sua água doce, e Wilbrandt vai ainda mais longe, tentando produzir qualquer coisa, menos uma tradução de Édipo e de O Cíclope. Mas nós já temos o nosso Johann Heinrich Voss, o criador de

unsem Johann Heinrich Voß, den Schöpfer der “saumnachschleppenden Weiber”, des “helmumflatterten Hektor”, des “hurtig mit Donnergepolter entrollenden Felsblocks”⁵. Es ist nicht wenig, was der Eutiner⁶ erreicht hat, er hat einen Stil geschaffen, mit dem der Deutsche wohl oder übel den Begriff homerisch verbindet, obwohl Trivialität und Bombast seine Hauptkennzeichen sind, Fehler, in die selbst die geringen Homeriden am wenigsten verfallen. Wir können diesen Stil nicht los werden, weil Hermann und Dorothea die vossische Ilias am Leben erhält, obgleich der falsche homerische Rock die Wirkung des einzigen Gedichtes so stark beeinträchtigt, daß es nicht sein kann, wozu es sein echt homerischer Geist befähigt, ein Buch für hoch und niedrig, jung und alt.

Goethen kann der Vorwurf nicht erspart bleiben, daß er für die Irrwege und den falschen Ruhm der deutschen Übersetzungen stark verantwortlich ist. Nicht durch seine Praxis: wenn ihn die Schönheit einer Dichtung zur Reproduktion veranlaßte, schuf er Werke wie “ach gieb vom weichen Pfühle”, “was ist Weißes dort am grünen Walde”, “vom Olympos zum Kissavos”. Aber wohl durch seine Theorie⁷. Er verlangte von der Übersetzung nur, daß sie seiner in allen Sprachen sehr ungenügenden Sprachkenntnis so weit nachhülfe, daß er das Original in seinem Stile verstehen konnte. Je mehr die Übersetzung ein Zwitterding war, je mehr sie an dem fremden Stile äußerlich festzuhalten schien, um so besser vermochte sie das zu leisten, wenigstens für ihn. Durch ihre Stillosigkeit hindurch sah er den fremden Stil oder glaubte ihn zu sehen. Er wollte die fremde Form vermittelt haben; die Seele erfaßte er selbst durch seine Intuition. Außerdem war Goethe sehr

“saumnachschleppenden Weiber”, de “helmumflatterten Hektor”, de “hurtig mit Donnergepolter entrollenden Felsblocks”¹⁶. Não é pouco o que o habitante de Eutin¹⁷ alcançou, ele criou um estilo, ao qual o alemão, bem ou mal, associou o conceito homérico, embora trivialidade e grandiloquência sejam suas características principais, falhas nas quais mesmo os menores homéridas incorrem. Não conseguimos nos livrar desse estilo, porque *Hermann und Dorothea* contém a essência da *Ilíada* de Voss, embora a falsa roupagem homérica afete o efeito único do poema de modo tão intenso que, dentro do autêntico espírito homérico, não pode ser um livro para qualquer um, jovens ou velhos.

Goethe não deveria ser poupado da reprimenda de ser amplamente responsável pelos métodos equivocados e pela fama incorreta das traduções alemãs. Não em sua prática, quando a beleza de alguma poesia o levava a reproduzir, criando obras como “ach gieb vom weichen Pfühle”, “was ist Weißes dort am grünen Walde”, “vom Olympos zum Kissavos”. Mas sim em sua teoria¹⁸. Ele exigia da tradução somente que esta melhorasse seu conhecimento linguístico insuficiente em todas as línguas, de forma que pudesse compreender o original em seu estilo. Quanto mais a tradução fosse híbrida, tanto mais pareceria prender externamente o estilo estrangeiro, da melhor maneira possível, pelo menos para ele. Através da falta de estilo da tradução, ele via ou acreditava ver o estilo estrangeiro. Ele pensava ter conciliado a forma estrangeira; o espírito, ele mesmo o capturava através de sua intuição. Além disso, Goethe era muito inclinado a

geneigt anzuerkennen, wo er auf ein, überlegenes Können stieß. Was ihm W. v. Humboldt und F. A. Wolf als Übersetzerpflicht predigten, glaubte er, und er glaubte dann auch an die Übersetzungen seiner Freunde. Und Wolf verstand auch wirklich den Aristophanes anders als Voß, zum Teil vortrefflich zu übersetzen.

Man braucht sich heut zu Tage nicht darüber zu verbreiten, daß die metrischen Theorien dieser bedeutenden Männer falsch sind, Konsequenzen des verhängnisvollen Schrittes, den Klopstock mit seinen Hexametern gethan hatte. Unsere Sprache und Dichtung verdankt diesem Schritte sehr viel, und es ist Pedantismus und ohnmächtiger Nationalitätsdünkel, wenn man den Vers verbannen will, in dem Euphrosyne und der Spaziergang gedichtet sind. Große Dichter sind Könige und können einen Bastard legitimiren⁸. Aber der Versuch quantitirende und accentuirende Poesie gleichzusetzen war dennoch nur möglich, weil man die griechische Sprache und Verskunst schlechterdings nicht verstand. Nicht Homer, sondern die Pfortner Sitte, lateinische Verse zu machen, hat dem Messias das hexametrische Kleid gegeben. In Wahrheit gehören Sprache und Vers zusammen, und es ist ein Unding zu griechischen Versen deutsche Sprache zu verwenden. Das mangelnde Gefühl für das Wesen des Verses hat den Deutschen freilich den Stolz eingegeben, Ramayana und Kalewala, Firdusi und Dante, Pindar und Calderon in den Versmassen der Urschrift wiedergeben zu können, und der Traum ist geträumt, das Deutsche zur Vermittlersprache für die sogenannte Weltliteratur zu machen, das heißt, goethisch zu reden, aller Welt Kupplerdienste zu leisten. Ob diese Rolle zum Stolze Anlaß geben würde, stehe

reconhecer quando se deparava com um talento superior. O que W.v. Humboldt e F.A. Wolf lhe pregavam como dever do tradutor, ele acreditava, e, desta forma, acreditava nas traduções de seus amigos. E realmente Wolf entendia Aristófanes de maneira diferente de Voss, traduzindo algumas partes primorosamente.

Não é preciso divulgar, hoje em dia, que as teorias métricas destes homens formidáveis são equivocadas, conseqüências dos passos desastrosos que Klopstock deu com seus hexâmetros. Nossa língua e poesia devem muito a estes passos, e seria pedantismo e presunção ignorante querer banir o verso no qual *Euphrosyne* e *Der Spaziergang* foram feitos. Grandes poetas são reis e podem legitimar um bastardo¹⁹. Mas a tentativa de equiparar poesia ritmada e metrificada, contudo, somente seria possível se não se entendesse completamente a língua e a arte poética grega. Não Homero, mas sim a tradição de fazer versos em latim deu ao *Messias* a roupagem de hexâmetros. De fato, língua e verso estão relacionados, e seria um absurdo utilizar a língua alemã para versos gregos. A falta de sentimento em relação à essência do verso inspirou orgulho nos alemães para poderem reproduzir o original de Ramayana e Kalewala, Firdusi e Dante, Píndaro e Calderón em metro, e realizar o sonho de o alemão ser a língua mediadora da conhecida literatura universal, isto é, falando como Goethe, servir de casamenteiro para o mundo todo. Se este papel seria o de dar orgulho, não se pode determinar. Mas é fato que estes falsos versos klopstockianos são mais elogiados do que lidos. Certamente possuímos o Shakespeare de Schlegel, Byron e Ariosto de Gildemeister²⁰, Giusti de Heyse. Estas são obras primas. Mas nas línguas, das

dahin. Thatsache aber ist, daß diese falschen Verse auch darin klopstockisch sind, daß sie mehr gelobt als gelesen werden. Allerdings besitzen wir Schlegels Shakespeare, Gildemeisters Byron und Ariost⁹, Heyses Giusti. Das sind Meisterstücke. Aber in den Sprachen, aus denen und in die sie übersetzt sind, lebt derselbe Geist der modernen Kultur; die Weise des Denkens, Empfindens und Aussprechens ist in ihnen nicht viel stärker verschieden als zwischen Dichtern desselben Volkes. Die Aufgabe der Übersetzung war bei Giusti und Byron fast ganz eine formale, und ihre Reimkunst hat Gildemeister und Heyse offenbar am meisten Freude gemacht. Schlegel, der mit seinem Shakespeare uns einen Dichter schenkte, der vielen viel deutscher erscheint als Goethe, hat denselben Versuch mit derselben Meisterschaft an Calderon gemacht. Aber Calderon steht unserer Kultur fern, viel femer als Euripides, und hätte zum mindesten eine Umkleidung erfordert wie dieser. Statt dessen mühte sich Schlegel mit der Assonanz und den "schrecklichen hiatusreichen Halbtrochaen": sie haben so wenig Berechtigung wie die Hexameter, und der Versuch ihrer Einbürgerung ist mißlungen. Trotz Schlegels überlegener Kunst mag ich kein spanisches Drama vorlesen außer den Schreyvogelschen Bearbeitungen der *Donna Diana* und von "das Leben ein Traum". Von einem Verse, der sich doch das Deutsche in früheren Zeiten erobert hatte und seiner Zeit für die Bildung des poetischen Stiles auch das seinige geleistet hat, wird es nachgerade zugegeben, daß er nicht nachgebildet werden darf. Alexandiner mag man im Deutschen ruhig anwenden: nur wenn man französische Dramen übersetzt, sind sie verpönt, weil sie etwas ganz anderes sind als die französischen, und doch dasselbe scheinen wollen.

quais e para as quais são traduzidos, vive o mesmo espírito da cultura moderna; o modo de pensar, sentir e expressar, não é, nelas, muito diferente do que entre poetas de um mesmo povo. A tarefa da tradução para Giusti e Byron era prioritariamente algo formal, e sua rima certamente é o que mais encanta Gildemeister e Heyse. Schlegel, que, com seu Shakespeare, nos deu de presente um poeta parecendo muito mais alemão do que Goethe, tentou utilizar a mesma maestria para Calderón. Mas Calderón está afastado de nossa cultura, muito mais do que Eurípedes, e seria necessária no mínimo uma alteração em relação a isto. Contudo, Schlegel ocupou-se da assonância e dos "terríveis semi-troqueus cheios de hiatos": eles têm tão pouca legitimidade como os hexâmetros, e a tentativa de sua naturalização foi equivocada. Apesar da arte superior de Schlegel, não me agrada a leitura de nenhum drama espanhol além da adaptação de Schreyvogel para *Donna Diana* e *La vida es sueño*. Com um tipo verso que conquistara a língua alemã nos tempos antigos e, em sua época, foi responsável pela formação do estilo poético, admite-se, pouco a pouco, que não deve ser imitado. Os alexandrinos são tranquilamente utilizados em alemão. Somente nas traduções de dramas franceses é que são mal vistos, porque são completamente diferentes dos franceses, apesar de quererem se parecer com os mesmos.

Es ist sehr bezeichnend, daß die Romanen von den Verirrungen des Übersetzens in ausländischen Formen fast frei sind. Sie besitzen eben eine alte Kultur und gefestigte Stile für ihre Poesie. Als Klopstock den verhängnisvollen Schritt that, Vergil und Horaz werden zu wollen, besaß der Deutsche weder Kultur noch gebildete Sprache, noch einen auch nur ungebildeten Stil. Das zu schaffen war die Aufgabe, und die Nachahmung war das notwendige Mittel, sie zu lösen. Sie ist gelöst. Eine Anzahl großer Männer schuf uns Sprache und Stil. Es war ihnen selbst zweifelhaft, ob die Deutschen das Geschenk verdienten; jetzt würden sie es, fürchte ich, ohne Besinnen verneinen. Aber verdient oder nicht, Sprache und Stil sind da. Ins Deutsche übersetzen heißt in Sprache und Stil unserer großen Dichter übersetzen.

So steht es überhaupt : wer ein Gedicht übersetzen will, muß es zunächst verstehen. Ist diese Bedingung erfüllt, so steht er vor der Aufgabe, etwas, das in bestimmter Sprache vorliegt, mit der Versmaß und Stil auch gegeben sind, in einer anderen bestimmten Sprache neu zu schaffen, mit der wieder Versmaß und Stil gegeben sind. Nur in so weit, als das Original etwas in seiner Sprache neues gab zu seiner Zeit, darf das Gleiche in der Nachbildung geschehn.

Ich weiß das nicht besser zu demonstrieren als an der Sprache, die in einem langen Leben unter starken Wandlungen ohne doch je die Einheit zu verlieren die verschiedensten aber durchaus feste Stilformen ausgebildet hat und schon deshalb die Königin der Sprachen ist, am Griechischen. In das Griechische läßt sich alles übersetzen, aber ohne eine Umsetzung in einen festen Stil läßt sich in das Griechische nichts

É muito significativo que os romanos estejam quase livres das aberrações de traduzir nas formas estrangeiras. Eles possuíam tanto uma cultura antiga quanto um estilo consolidado para sua poesia. Quando Klopstock deu o desastroso passo de desejar se tornar Virgílio e Horácio, o alemão não possuía nem cultura nem língua formada, e não mais do que um estilo inculto. O problema era criá-lo, e a imitação era o meio necessário para solucioná-lo. E foi solucionado. Alguns grandes homens criaram-nos língua e estilo. Era-lhes incerto se os alemães mereciam este presente; agora, receio, tello-iam negado sem pensar. Mas merecendo ou não, língua e estilo estão aí. Traduzir em alemão significa traduzir na língua e no estilo de nossos grandes poetas.

Em geral, é assim: quem deseja traduzir um poema, deve primeiramente entendê-lo. Se esta condição for preenchida, então ele se encontra frente à tarefa de reproduzir algo, que existe em uma determinada língua com um dado ritmo e estilo, em uma outra determinada língua, também com um dado ritmo e estilo. Somente na medida que o original oferece, em seu período histórico, algo novo em sua língua, é que o mesmo deve aparecer na reprodução.

Não sei como demonstrar isso de maneira mais apropriada do que na língua que formou as mais diversas, porém, sólidas formas estilísticas, em sua longa existência sob constantes transformações sem nunca perder a unidade, sendo, por isso, a rainha das línguas, o grego. É possível traduzir tudo para o grego, mas sem uma transposição a um estilo fixo não se consegue traduzir nada para o

übersetzen¹⁰. Ein Versuch, griechische Sprache zu deutschen Versen zu verwenden, erscheint einem Menschen, der griechisch kann, einfach bestialisch¹¹. Wahrscheinlich wird jeder, der eine fremde Sprache mit originaler und fester Metrik und festen Stilformen versteht, über sie ähnlich urteilen, um so sicherer, je ferner unserer Weise die Sprache steht. Nichts ist mir bezeichnender, als daß Lachmann zwar den Shakespeare mit der schlimmsten 'Treue' übersetzt hat, aber bei einer Übersetzung aus der Ilias in das Mittelhochdeutsche eine Umsetzung des Stils vorgenommen hat, weil er da mit festen Formen auf beiden Seiten zu rechnen hatte.

[...]

Treten wir nun der concreten Aufgabe näher, für die griechische Poesie Formen und Stil in unserer Sprache zu bestimmen, so muß ich eins für zur Zeit unübersetzbar erklären, das alte Epos. Das hat Voß zu verantworten. Für nichts dagegen stehn die Chancen günstiger als für die attische Tragödie. Das verdanken wir Goethe: er liefert in *Helena* und *Pandora* Formen und Stil. Denn daß über deren lyrischen Stücken ein etwas fremdartiger Schimmer liegt, ist genau so mit den attischen Liedern der Fall, die weder im Versmaß noch in der Sprache rein attisch sind. In den Chören mußte allerdings noch etwas weiter ausgebaut werden, wozu Goethe nur Ansätze geliefert hat, da er meist in die ihm gewohnten Formen einlenkte und auch den Reim zuzog, den ich im Aristophanes von Droysen mit Recht verwandt glaube, in der Tragödie nach vielen Versuchen ganz verworfen habe, weil es uns nicht mehr möglich ist, so kunstvolle und umfangreiche Gebilde zu machen wie im Mittelalter: ich hatte damit begonnen, mir bei Walther Strophen zu suchen. Für

grego²¹. Uma tentativa de empregar a língua grega em versos alemães parece, a quem saiba grego, simplesmente absurda²². Provavelmente todo aquele que compreende uma língua estrangeira com métrica original e sólida e formas estilísticas fixas, a julgará tanto mais corretamente, quanto mais distante encontra-se esta língua dos nossos costumes. Nada me parece mais característico do que Lachmann ter traduzido Shakespeare com a pior 'fidelidade', mas não ter deixado de efetuar uma transposição de estilo numa tradução da *Iliada* em médio alto alemão, porque, em ambos os casos, teve de contar com formas fixas.

[...]

Se iniciarmos, de fato, a tarefa concreta de determinar forma e estilo da poesia grega em nossa língua, será necessário, então, esclarecer algo intraduzível para nossos dias, a antiga Epopéia. Voss é responsável por isso. Não há nada que apresente possibilidades mais vantajosas para isso do que a Tragédia ática. Somos gratos a Goethe por tal fato: ele levou à *Helena* e *Pandora* forma e estilo. Pois sobre suas peças líricas paira um brilho algo estrangeiro, sendo exatamente o que ocorre com os cantos áticos, que não são nem em ritmo nem na língua puramente áticos. Nos coros, contudo, algo mais deveria ser desenvolvido, onde Goethe fez apenas tentativas, visto que em geral ele cedeu nas formas com as quais estava acostumado e também alterou as rimas, que, creio, foram bem utilizadas no Aristófanes de Droysen, mas após várias tentativas rejeitei-as completamente na tragédia, pois não nos é mais possível realizar uma criação tão elaborada e intensa como na Idade Média: comecei

lyrische Kleinigkeiten wird der Reim passen, im Epigramme häufig unentbehrlich sein, und volkstümlichen und lustigen Klang wird er wohl allein verleihen. Aber ein gereimter Pindar müßte entsetzlich sein, und entsetzlich sind mir die gereimten Chorlieder, die ich kenne, ziemlich alle¹². Dagegen in den freien Rhythmen, die Goethe in den schönsten Gedichten schon vor der italienischen Reise angewandt hat, und für die es auch sonst Vorbilder genug giebt, ist ein geschmeidiges Material vorhanden, das sich jedem neuen Vorwurfe anpassen läßt. Nur muß die Responsion hinzutreten, da sie ja nicht bloß in den Versfüßen, sondern in den Gedanken, ihrem Aufbau und Ausdruck vorhanden ist. Es gebriecht mir hier an Raum, darzulegen, daß das alles in Wahrheit rhythmische Prosa ist, was wir machen, wie sich auch der junge Goethe sehr oft nicht klar war, ob er Prosa oder Verse schrieb. Erst die Wiederkehr derselben Glieder setzt in Wahrheit Verse ab. Auch dies läßt sich erst ganz deutlich machen, wenn man die griechische Kunstprosa in Theorie und Praxis hinzunimmt; hoffentlich komme ich noch einmal dazu das zu erläutern. Mich dünkt jetzt fast, daß wir selbst für erzählende Gedichte geschmeidige und ausdrucksvolle Formen haben können, wenn wir unsere alte Freiheit in der Behandlung der Senkungen wieder aufnehmen, Reim, Assonanz und Alliteration aber nur wie die Griechen als Schmuck, nicht als Bindemittel verwenden. Das brauche ich kaum zu sagen, daß es verkehrt wäre, für ein bestimmtes antikes Maß eine bestimmte Wiedergabe zu setzen: man steht in jedem einzelnen Falle vor einer ganz neuen Aufgabe. Nur wenn der antike Dichter in demselben Werke eine und dieselbe Gattung in gleicher Weise wiederholt anwendet, muß auch die Nachbildung wiederholen; in einem

então a buscar nas estrofes de Walther Von der Vogelweide. A rima faz parte das pequenas nuances líricas, sendo frequentemente indispensável na epigrama e confere por si um tom popular e alegre. Mas um Píndaro rimado seria terrível e acho horríveis praticamente todas as canções de coro rimadas²³. Em contrapartida, nos ritmos livres que Goethe já utilizava nas mais belas poesias, antes mesmo da viagem à Itália e para os quais também há modelos suficientes, existe um material flexível que pode ser adaptado a todo novo tipo de discordância. É somente necessário acrescentar a *responsio*, visto que esta não se encontra simplesmente nos pés poéticos, mas sim nos pensamentos, em sua construção e expressão. Falta-me aqui espaço para demonstrar que tudo que nós fazemos é na verdade prosa rítmica, assim como o jovem Goethe muito frequentemente não tinha certeza se o que escrevia era prosa ou verso. Somente a recorrência dos mesmos elos cria, na verdade, versos. Isto pode ser claramente apresentado quando se aceita a prosa artística grega na teoria e na prática; espero conseguir explicar isso. Parece-me que nós mesmos podemos ter formas flexíveis e expressivas para a poesia narrativa, se restabelecermos a nossa antiga liberdade na orientação das teses, rimas, assonâncias e aliteraões, mas somente se as utilizarmos conforme os gregos, como ornamento e não como estrutura. Não é necessário dizer que seria um erro estabelecer uma translação fixa para uma determinada métrica antiga: colocamo-nos em cada caso específico como se fosse uma tarefa completamente nova. Somente quando o poeta antigo, dentro da mesma obra, utiliza-se da repetição do mesmo gênero é que a reprodução deve repeti-lo; em outro caso, deve-se decidir por outra forma. Assim, eu, no *Hipólito* de Eurípides, reproduzi

ändern mag sie sich anders entscheiden. So habe ich im Hippolytos des Euripides eine Scene in Anapaesten, zwischen Phaedra und der Amme, in sehr freien, nur die Hebungen, nicht die Silben zählenden Versen wiedergegeben; in der Orestie durchgehends das Maß gewählt, das Goethe am Schlusse der Pandora verwendet. Es stammt bekanntlich aus den serbischen Volksliedern : morlackische Trochaeen sind es, keine spanischen. Von Wert ist an ihnen besonders, daß man die Katalexe nachbilden kann, und ich bereue meine Wahl nicht.

Im Dialog hat Goethe den Trimeter nachgebildet, und dies unserm tragischen Verse so nahestehende Maß hat große Vorzüge, wenn es richtig behandelt wird, d. h. nicht nach den Regeln des griechischen Trimeters, die es nicht angehn, sondern entsprechend unserer Sprache, so daß durch einen volltönenden Versschluß der Unterschied vom Blankverse betont wird, und nicht die letzte Hebung auf der drittletzten Silbe zu liegen scheint, wie in den verst sdruccioli der Italiener mit ihrem leichten, hüpfenden Gange. Die Wucht des vollen männlichen Schlusses giebt unserm Trimeter den Charakter von Kraft und Erhabenheit, und um diesen Eindruck zu erzielen, haben Schiller und Goethe den ansteigenden Zwölfbilbler (das ist er in Wahrheit) verwandt. Aber nur für diesen einen bestimmten Ton (oder seine Parodie) ist er geeignet, zumal er uns als eine Abart des allgemeinen dramatischen Dialogverses erscheinen muß. Er entspricht also vollkommen dem Charakter der aischyleischen Poesie, aber ich würde es für eine Zerstörung des eigentümlich euripideischen Tones halten, wollte man seinen Dialog in demselben Maße wiedergeben. Denn dadurch gerade hat Euripides die menschliche Tragödie

em uma cena em anapestos, entre Fedra e a ama, somente as ársis em versos livres, mas não as sílabas tônicas; em toda a Orestía escolhi o metro que Goethe utiliza no final da *Pandora*. Esse tem sua origem, como é sabido, na canção popular sérvia: os troqueus morlacos não são como os espanhóis. Seu principal mérito é que se pode imitar o verso catalético, e, por isso, não me arrependo de minha escolha.

No *Diálogo*, Goethe reproduziu o trítmetro, e isto possui grandes qualidades, associadas ao metro de nossos versos trágicos, quando este é tratado corretamente, isto é, não segundo a regra do trítmetro grego, que não nos diz respeito, mas sim o correspondente à nossa língua, de forma que a diferença do verso branco pode ser acentuada através do pé métrico sonoro, e a última ársis não parece encontrar-se na antepenúltima sílaba, como nos *versi sdruccioli* do italiano com seu andamento leve e saltitante. O impacto do fechamento completamente masculino dá ao nosso trítmetro um caráter de força e grandeza, e para obter esta impressão, Schiller e Goethe utilizaram o alexandrino ascendente (assim ele é na verdade). Mas este é apropriado somente para um tom específico (ou sua paródia), devendo aparecer como uma variação do verso dialógico dramático universal. Ele corresponde perfeitamente, portanto, ao caráter da poesia esquiliana, mas, eu o consideraria uma destruição do tom peculiar euripídiano, se desejássemos reproduzir seu diálogo nesta mesma métrica. Pois Eurípedes criou a tragédia humana afinada através do tom do verso,

geschaffen, daß er den Ton des Verses so weit herunterstimmte, daß er einen wirklichen Dialog wiedergeben konnte. Dieser Dialog erhebt sich über die Prosa nur so weit, wie es die ernsthafte Poesie immer thun muß. Er entspricht also in jeder Sprache dem allgemein dramatischen Verse. Deshalb konnte ich gamicht umhin, für Aischylos den Trimeter, für Euripides den Blankvers zu wählen. Ich weiß, daß gerade dieser Schritt misbilligt wird; deshalb gebe ich auch hier eine Gegenprobe. Die Trimeter der Pandora würden in euripideischen Versen gar nicht denkbar sein: man möge sich überzeugen, wie sie griechisch etwa klingen. Wer in diesen Trimetern den Stilgegensatz zu Sophokles und Euripides fühlen kann, muß zugeben, daß meine Überlegung richtig ist; womit über die Qualität meiner Dichtung nichts gesagt ist noch gesagt sein soll. Denn die Wahl von Maß und Stil kann von dem Verstande geleistet werden, wenn er über die nötigen Vorkenntnisse verfügt: zum Dichten verleiht nur die Muse die Fähigkeit¹³.

de forma tão ampla que conseguiu reproduzir um diálogo real. Este diálogo elevou-se acima da prosa de forma enormemente vasta, como deve ocorrer com a autêntica poesia. Correspondendo, deste modo, ao verso dramático universal em todas as línguas. Por esta razão não pude deixar de escolher o trímetro para Ésquilo e, para Eurípedes, o verso branco. Eu sei que esta operação será imediatamente desaprovada; por isso, trarei aqui também uma contraprova. Os trímetros de *Pandora* nunca poderiam ser pensados nos versos euripídianos: convencer-se-ia que eles soam de modo semelhante ao grego. Quem consegue sentir a oposição estilística nestes trímetros a Sófocles e Eurípedes, deve reconhecer que minha transposição está correta. Nada sendo dito, nem devendo ser dito sobre a qualidade de minha poesia. Pois, a escolha de metro e estilo pode ser produzida pelo intelecto, se este dispuser do conhecimento prévio necessário: para fazer poesia, somente a musa concede capacidade.²⁴

Tradução de Filipe Mendes Neckel

¹ Vorwort meiner größeren Ausgabe des Hippolytos von Euripides, der die deutsche Übersetzung beigegeben ist. Berlin 1891. Ich habe einiges geändert und zugefügt. V. Wilamowitz-M., Reden.

² Introdução à minha edição maior de Hipólito de Eurípedes, que acompanha a tradução alemã. Berlin, 1891. Realizei algumas alterações e acréscimos. V. Wilamowitz-M., Reden.

³ Lichtenberg Vermischte Schriften I 324. “Ist es nicht sonderbar, daß eine wörtliche Übersetzung fast immer eine schlechte ist? Und doch läßt sich alles gut übersetzen. Man sieht hieraus, wie viel es sagen will, eine Sprache ganz verstehen. Es heißt das Volk ganz kennen, das sie spricht”.

⁴ Darin liegt die Täuschung der Etymologie. Die lautliche oder wurzelhafte Identität zweier Wörter besagt für ihre Bedeutung zunächst gar nichts. Wie lächerlich machen wir uns durch Latinismen und Gallicismen, wenn wir italienisch reden; wie täuschend sind die Bedeutungen, die wir in das Holländische hineinragen. Wenn man dann alles besondere abzieht und den Rest der Ursprache zuschreibt, als die gemeinsamen Wurzel aller Bedeutungen, so bleibt etwas so blasses und abstraktes übrig, daß man es den primitiven Menschen am wenigsten zutrauen kann. Wir können diese Urbedeutungen nicht entbehren, aber sie haben so wenig historische Realität wie das ganze Urvolk. Jede Wissenschaft bedarf solcher Fiktionen, keineswegs bloß die Rechtswissenschaft, aber sie soll sie als solche anerkennen.

⁵ Wem Tennysons Epigramm gilt, weiß ich nicht, aber ich citierte es gern:

*These lame hexameters the strong-wing'd music f Home!
no – but a most burlesque barbarous experiment.
When was a harsher sound ever heard, ye Muses in England?
When did a frog coarser croak upon our Helicon?
Hexameters no worse than during Germany gave us,
barbarous experiment, barbarous hexameters.*

⁶ „Mit Fleiß und Tücke webt' ich mir ein eignes Ruhmgespinnste“, lassen ihn die Paralipomena zum Faust als Blocksbergscandidaten sagen.

⁷ Die Rede auf Wieland ist sehr lesenswert. Er erkennt mit voller Unparteilichkeit an; aber man merkt, daß er es mit der anderen Übersetzungsmaxime hält, die es doch bestenfalls zum umgedrehten Teppich bringt. Wieland hat gewiß das Richtige zu leisten versucht; aber er hat als der richtige Sohn des unhistorischen Jahrhunderts ohne Arg die eigene Weise in alles Fremde hineingetragen.

⁸ Man erkenne dann aber auch an, daß Goethe und Schiller die Gesetze für den Vers geben und nicht Ovid und Kallimachos, und man hüte sich Ovid und Kallimachos in diese Verse zu übertragen, sintemal deutsche Disticha ein ganz anderes Ethos haben als die griechischen und selbst die lateinischen.

⁹ Nicht so sein Dante. Wem gegeben ist, das Ethos des Orlando zu treffen, dem wird versagt sein, das Dantes wiederzugeben. Man kann nicht correggiesk und giottesk zugleich malen. Außerdem bedarf Dante der Umgestaltung, auch der metrischen. Im Deutschen wirken die Terzinen, da sie ein Kunststück bleiben, ermüdend, und man ruft bald *Geduld* — wie in Salaz y Gomez. Selbst die Ottave rime Ariosts klingen bei Gildemeister viel ernsthafter als im Original, während ihre englische Copie durch die deutsche Copie vollkommen getroffen werden kann. Der deutsche Reim bindet viel stärker als der italienische, weil er bedeutungsvolle Silben treffen muß, und dann vermag der Italiener durch die Verschleifung der Vokale und

den Sprung des Wortaccentes einen Reichtum von wechselnder Modulation zu erzielen wie der Grieche mit Auflösungen und indifferenten Silben: das fällt im Deutschen fort, das Maß wird ernsthaft und paßt für die Geheimnisse mehr als für das komische Epos, es sei denn, es erhalte die parodische Farbe wie im Don Juan.

¹⁰ Wenn man bei gewissen lyrischen Gedichten und bei den prosaischen Epen höheren Stiles, die wir Romane und Novellen nennen, schwanken kann, so liegt das daran, das die entsprechenden griechischen Dichtungen verloren sind; ich denke an Archilochos, Stesichoros, Herakleides Pontikos, Phylarchos. Es ist für den, der die Griechen kennt, belehrender als die modernen Poetiken, wenn man sich die Analogien überlegt. Man sieht, wie alle die Grenzen der Gattungen, selbst die von Prosa und Poesie, in der Luft stehn. Der Gang nach dem Eisenhammer wird ein Epyllion in alexandrinischem Stile: das muß aber die Hochzeit des Mönchs auch werden. Die Braut von Korinth zu übersetzen, müßte man Rhadina und Eriphanis lesen können. [Die würden nichts helfen; es waren einfache Volkslieder.] Pater Brey wird ein Mimos, Minna von Barnhelm muß sich in Trimeter kleiden, während für den Nathan der sokratische Dialog besser paßt. Wahrhaft erschreckend ist, auf wie viel sog. Poesie die Rhetorik ihre Hand legt. Heines Nordseebilder und Gellerts Kirchenlieder, den ganzen Scheffel und den ganzen Scherenberg holt die zweite Sophistik, die Aristides und Lukian, die Philostratos und Longos. Und belehrend ist doch auch, daß die stilisierte Stillosigkeit, die menippische Satire, ein weites Reich erhält: Jean Paul z. B. verfällt ihr rettungslos. — Mittlerweile hat die Entdeckung des Bakchylides uns gute und schlechte griechische Gedichte beschert, die unseren Balladen ganz entsprechen und dazu wirkliche Tanzlieder sind; sie führen den unangemessenen Namen Dithyramben. Vgl. mein Schriftchen über Bakchylides S. 29.

¹¹ Es steht ja wohl im Commersbuch βασιλεύς ποτ' ἦν ἐν Θούλῃ πιστός ἐσί εἰς αἰδου, τήσχοῦσα τῷ ἡ χοῦρη δῶχ' ἐχπῶμα χρυσόῳ. Ich bedaure, daß Lessing auch im Scherz so etwas hat vertragen können wie δαχτύλιτρον ἐστὶν εἰς πάντα χαλόν (XII 467 Lachm.). 1871 gab es das Kutschkelied in ich weiß nicht wie viel Sprachen im „Versmaße der Urschrift“.

¹² Erich Schmidts Reimstudien, von denen ein äußerst belehrendes erstes Stück in den Sitzungsberichten der Berliner Akademie 1900 veröffentlicht ist, zeigen, wie mich dünkt, daß der Reim in der hohen Poesie zur Zeit für den Deutschen überhaupt unbrauchbar ist: er ist eben ausgeleiert.

¹³ Daher war es nicht zu viel verlangt, wenn Gottfried Hermann die Befähigung zu der kritischen Behandlung eines griechischen Dichters an den Nachweis binden wollte, selbst in denselben Formen griechisch dichten zu können. Und so dürfte man jedem das Übersetzen aus einer Sprache verwehren, der nicht in sie stilgerecht zu übersetzen versteht.

¹⁴ Miscelânea de escritos de Lichtenberg, I 324. “Não é estranho que uma tradução literal seja quase sempre ruim? Mesmo que se consiga traduzir tudo direito. Vê-se o que se quer dizer com compreender uma língua completamente. Isto significa que o povo sabe o que fala”.

¹⁵ Aqui está o equívoco da etimologia. A identidade fonética ou radical de duas palavras não tem nenhuma relação com seu significado. Como nos tornamos ridículos ao usar latinismos ou galicismos ao falarmos italiano; como são ilusórios os significados que levamos ao holandês. Quando, abstraindo-se tudo de peculiar, acrescenta-se o resto da língua original, como raiz comum de todos os significados, de forma que permanece algo tão pálido e abstrato que se pode julgar os homens primitivos ao menos capazes disso. Nós não podemos prescindir destes significados originais, mas estes possuem tão pouca realidade histórica quanto um povo original. Toda ciência carece de tal ficção, não apenas o Direito, mas esta deve reconhecê-la como tal.

¹⁶ Não sei a quem possa interessar a epigrama de Tennyson, mas gostaria de citá-la:

*These lame hexameters the strong-wing'd music f Home!
no – but a most burlesque barbarous experiment.
When was a harsher sound ever heard, ye Muses in England?
When did a frog coarser croak upon our Helicon?
Hexameters no worse than during Germany gave us,
barbarous experiment, barbarous hexameters.*

¹⁷ “Com zelo e ardil, eu mesmo me teci uma teia de glória”, ouve-se nos paralimpômenos de Fausto como Blocksbergs-Candidaten.

¹⁸ O discurso sobre Wieland é muito interessante. Ele aceita com completa imparcialidade; mas percebe-se que o relaciona com as outras máximas de tradução, as quais este carrega, no melhor dos casos, em um tapete enrolado. Wieland certamente tentou fazer a coisa certa; mas, como filho correto do século ahistórico, ele levou, sem maldade, seu modo próprio a tudo que é estrangeiro.

¹⁹ Pode-se reconhecer, então, que Goethe e Schiller traçam as leis do verso e não Ovídio e Calímaco, e deve-se tomar cuidado com a transposição de Ovídio e Calímaco nestes versos, porquanto os dísticos alemães possuem um Ethos diverso daquele grego e mesmo latino.

²⁰ Não que seja assim com Dante. Quem pretende encontrar o Ethos de Orlando, falhará ao reproduzir Dante. Não se pode pintar, ao mesmo tempo, barroco e gótico. Além disso, Dante necessita de uma transformação da métrica. Em alemão, a terça rima torna-se fatigante, visto que continua sendo uma obra de arte, e é preciso clamar por “paciência”, como em *Salaz y Gomez*. Mesmo a Oitava rima de Ariosto soa em Gildemeister mais séria do que no original, enquanto sua cópia inglesa pode ser perfeitamente alcançada através da cópia alemã. A rima alemã liga-se mais fortemente do que a italiana, pois precisa fazer com que as sílabas mais significativas se encontrem, e, assim, o poeta italiano consegue produzir uma riqueza de modulações variáveis através da mistura de vogais e do salto dos acentos das palavras, assim como o grego, com decomposições e sílabas indiferentes: isto é omitido em alemão, a métrica se torna grave e adequada aos mistérios, mais do que à epopéia cômico, a não ser que receba a cor parodística, como em Dom Juan.

²¹ Quando existe uma variação em certos poemas líricos e em epopéias prosaicas em estilo mais elevado, que conhecemos como romance e novela, então, as poesias gregas correspondentes são perdidas; penso em Arquíloco, Estesícoro, Heraclides de Ponto, Filarco. Para quem conhece os gregos, seria mais instrutivo do que a poética moderna, se as analogias fossem consideradas. Percebe-se que todos os limites entre os gêneros, mesmo aqueles entre prosa e poesia, permanecem no ar. *Der Gang nach dem Eisenhammer* se torna um pequeno poema épico em estilo alexandrino: assim também será com *Die Hochzeit des Mönchs*. Para traduzir *Die Braut von Korinth* (A noiva de Corinto), dever-se-ia poder ler *Rhadina* e *Eriphanis*. [Isto de nada adiantaria; eram meras canções populares]. *Pater Brey* se torna um mimo grego, *Minna von Barnhelm* deve se vestir em trimetro, enquanto para *Nathan*, o dialogo socrático ajusta-se melhor. É realmente assustador como a retórica fica evidente em muitas pretensas poesias. O *Nordseebilder* de Heine e os hinos de Gellert, todo o trabalho de Scheffel e de Scherenberg buscaram a segunda sofisticada, de Aristides e Lucian, de Filóstrato e Longos. E também é interessante que a falta de

estilo estilizada, a sátira menipéia, conserva um vasto domínio: Jean Paul, por exemplo, fica irremediavelmente interessado por ela. — Neste meio tempo, a descoberta de Bacchylides nos deu boas e más poesias gregas, que correspondem perfeitamente às nossas baladas, sendo verdadeiras músicas populares; carregando, contudo, os nomes inapropriados de ditirambos. Conforme meus escritos sobre Bacchylides, p. 29.

²² Isto está no *Commersbuch*, βασιλεύς ποτ' ἦν ἐν Θούλῃ πιστός ἐσί εἰς αἶδου, τήσχοῦσα τῶι ἢ χούρη δῶχ' ἐγπωμα χρυσῶν. Lamento que, mesmo por brincadeira, Lessing tenha tolerado coisas como δαχτύλιτρον ἔστιν εἰς πάντα χαλόν (XII 467 Lachm.). Em 1871 foi feita a *Kutschkelied*, em inúmeros idiomas a partir do “verso do original”.

²³ Os estudos de rima de Erich Schmidt, dos quais uma primeira parte extremamente instrutiva foi publicada nos Anais da Academia Berlinense em 1900, mostram, parece-me, que, principalmente para os alemães, a rima é desnecessária na grande poesia atual: ela está bastante desgastada.

²⁴ Por isso não foi exagero, quando Gottfried Hermann quis exigir provas das capacidades de entendimento crítico de um poeta grego, inclusive para poder fazer poesia nas mesmas formas gregas. E, deste modo, dever-se-ia negar a tradução de uma língua a todo aquele que não a entenda completamente para traduzi-la em seu estilo correto.

*Fonte: Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff. “Was ist Übersetzen?” in Reden und Vorträge. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1901. 278 pgs.
<http://www.archive.org/stream/redenundvortrge00moegoog#page/n34/mode/1up>*

ULRICH VON WILAMOWITZ-MOELLENDORFF (1848-1931), filólogo alemão, reconhecido como uma autoridade em cultura e literatura grega antiga. Através de seus escritos, comentários e traduções de textos gregos, além de textos críticos sobre tragédia, comédia e poesia helênica, o autor exerceu grande influência na filologia clássica dos séculos XIX e XX.

O ensaio *Was ist Übersetzen?* foi publicado pela primeira vez em *Hipólito*, de Eurípedes, tradução do grego para o alemão e prefácio de Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, edição bilíngue, Berlin, Weidmann, 1891.

O texto para a presente versão foi extraído de Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, *Reden und Vorträge*, Berlin, Weidmann, 1901. Neste ensaio, que contém a concepção de tradução do autor, ligada principalmente à poesia helênica, também se documenta seu caminho de pesquisa crítico-histórica para compreender o texto original.

Filipe Mendes Neckel
Universidade Federal de Santa Catarina
filipe_neckel@hotmail.com